



**Relatório:**

***Seminário Empresarial de Alto  
Nível Brasil-China***

***Reunião com o Presidente da República***

Xangai, 2 de setembro de 2016

A reunião privada do Presidente da República com empresários brasileiros no dia 2 de setembro em Xangai contou com a presença de cerca de 30 representantes do setor privado, ademais do próprio chefe de Estado, seus ministros e assessores.

O presidente Temer abriu a reunião elencando os desafios que o governo tem pela frente, fazendo menção explícita ao “restabelecimento da harmonia” e à necessidade de aprovar as reformas. Ao fazer referência à situação econômica, pediu ao ministro Meirelles que discorresse sobre o assunto. O ministro da Fazenda, sem deixar de advertir para os riscos que adviriam da não aprovação das reformas, em particular do ajuste fiscal, mostrou-se cautelosamente otimista com a retomada dos investimentos estrangeiros, especialmente chineses. Aludiu à necessidade do corte de despesas públicas, sem os quais será inevitável a busca de outras fontes de receita (discreta alusão a aumento de impostos).

Blairo Maggi referiu-se à missão do agronegócio brasileiro à Ásia, sob sua chefia, salientando que o Brasil detém 7% do comércio internacional de produtos do agronegócio. No que se refere ao comércio com a China, Maggi destacou que o grande desafio é o de negociar a abertura do mercado chinês, ainda cheio de entraves, restrições fito e zoonosológicas e tarifas mais elevadas para produtos com maior valor agregado.

O ministro José Serra mencionou os entraves, externos e internos, à expansão das exportações brasileiras. No plano interno citou o chamado “custo Brasil”, como um complexo e oneroso sistema tributário, a precariedade de sua infraestrutura viária e portuária e entraves burocráticos em geral. Adiantou que a APEX está a elaborar um estudo sobre a facilitação de investimentos estrangeiros no Brasil.

O presidente do Senado, Renan Calheiros, usou da palavra para enfatizar a retomada de confiança no governo, destacando que sua presença na comitiva presidencial deveria sinalizar o apoio do Congresso Nacional ao presidente da República e à governabilidade do país. Ao referir-se ao desafio das reformas, citou expressamente a necessidade de modernizar as relações entre o capital e o trabalho, aludindo às reformas trabalhista e previdenciária.

O primeiro empresário a fazer uso da palavra foi Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da FIRJAN. Enfatizou o seu apoio, bem como o da FIRJAN e seus associados, à ação do governo, tal como descrita pelo presidente da República e seus ministros.

O presidente da VALE, Murilo Ferreira, além de destacar o papel de sua empresa no comércio com a China, abordou a questão de se reconhecer a China como economia de mercado. Não tomou partido explícito sobre a questão, mas alertou para o risco de medidas retaliatórias chinesas caso o Brasil não honre o compromisso assumido em 2004 e reiterado formalmente em diversas ocasiões.

O presidente da EMBRAER fez um histórico da presença da empresa na China (15 anos) e destacou que o país asiático é o segundo maior mercado da EMBRAER depois dos EUA (a União Europeia só supera a China considerando-se o conjunto de seus países).

O presidente da ABESF (energia solar) destacou as potencialidades do uso da energia solar no Brasil para a produção de eletricidade através de conversores fotovoltaicos e mencionou as potencialidades de parceria com os chineses, que estão muito avançados nessa matéria.

Os bancos BBM e Modal abordaram temas como risco cambial, segurança jurídica (BBM), contratos de parceria com empresas chinesas (CCCC, caso do Banco Modal) e a retomada da ideia de uma “exchange facility” para que o comércio bilateral seja, na medida do possível, feito em yuans e reais, sem a intermediação do dólar. O BBM informou ainda sobre a associação com o Bank of Communications chinês, futuro acionista majoritário (80%) do Banco BBM S.A., fortalecendo assim os laços empresariais entre Brasil e China.

O CEO da Construtora Queiroz Galvão, Petrônio Braz Junior, evidenciou que a empresa implantou um programa de *compliance* e que está presente na China há mais de seis anos atuando diretamente no *supply chain* das empresas do Grupo. A abertura da parceria com construtoras chinesas para a execução das obras de infraestrutura no Brasil também foi explorada.

O representante da CNI enfatizou a necessidade de um acordo de investimentos entre Brasil e China, bem como de um acordo de cooperação na matéria de patentes.

Boa parte dos empresários presentes eram ligados ao agronegócio e à exportação de alimentos, como a Brazil Foods e a Monsanto Brasil, dentre outros. Todos salientaram as grandes potencialidades do Brasil nesse campo, particularmente no que se refere à China, país com quase um bilhão e quatrocentos milhões de pessoas, cada vez mais urbano e com renda per capita crescente. Menções a “Brasil celeiro do mundo” e ao valor agregado crescente dos produtos exportados pelo agronegócio foram frequentes.

À guisa de conclusão, pode-se dizer que o ambiente que prevaleceu na reunião dos empresários com o presidente da República evidenciou um inequívoco apoio do setor privado à ação governamental tal como vem sendo apregoada pelo

presidente e seus ministros: apoio a reformas indispensáveis, que permitam a volta do crescimento em bases competitivas e sustentáveis, com a consequente geração de empregos e inclusão social em bases também sustentáveis.

O governo, por seu turno, buscou, através das intervenções do presidente e de seus ministros, bem como do presidente do Congresso Nacional, transmitir uma sensação de unidade no que se refere ao tratamento dos desafios que terá pela frente até 2018.